

Epistológrafos conchudos

Do suave ripanço duma vida aburguesada, cheia de confortos e de comodidades, saíram agora à estacada os epistológrafos. E anchos e féros, ergueram o seu pendão rubro de cólera contra as hostes do barbarismo teutónico, de par e passo que mostram, assolapadamente, uma coragem de macanjos.

Rapando de lexicons que há muito dormiam o sono eterno dos justos, fizeram tremer as massas dos cafés e as secretárias de mogno ou de pinho sob o peso esmagador das suas penas, impelidas furiosamente em riba dos linguadões tintos de sangue. E' que o heroísmo sendo um predicado raro acompanha facilmente as grandes ousadias guerreiras, talhadas a centenares de léguas de distancia dos horrosos campos de batalha. Por isso os epistológrafos, arrimados sobre os mapas, calculando as montanhas, as serras e as planícies, e não querendo dar parte de fracos por terem as costelas bem guardadas, deram largas aos seus vastos recursos de intelligencia, aos seus grandísimos dotes de erudição para se ficar a saber que possuíam alma até Almeida.

Gordos e magros, barbados e carecas, altos e baixos, saltitando como os gatos sobre ferro aquecido ao vermelho vivo, desataram então num berreiro infernal que faria adormecer as criancinhas, quando, no berço, lhes falta a competente mamadeira.

Ao comporem aquêles esguiços belicócos, os tipógrafos, coitados, sentiram-se aparvalhados. Se lhes parece... A lógica inflexível, o poder de argumentação, a preciação de linha em linha com tal redundancia de palavras, que eles para não confundirem teutões com tentilhões, houveram de encher os componedores a passo de carangueijo.

O caso, na verdade, assim o requeria. Não fossem às vezes condenados a galés por causa das grialhas. Os epistológrafos não perdavam os descuidos. Demais a mais neste momento soleníssimo em que os próprios quadrúpedes também mostram o seu pensar e a sua opinião, pois, segundo os vários correspondentes das gazetas diárias, esses bichos, com o seu saber, tem ganho inúmeras batalhas elevando assim a pátria e os patriotas aos mais altos picaros da terra... e da lua!...

Mas as epístolas também apresentam o seu lado grutesco. A do renegado Jaime Cortesão é um modelo nesse género. Ele só quer partir para a chacina quando, dos que devem marchar primeiro, não restar nem sombras nem figuras. Antes não. Antes precisa de sustentar os seus ricos filhinhos, preservá-los das intempéries, dos torçãos e dos alçapões trágicos da vida, porque... porque foi ele que os fez, já se sabe...

Esta estranha teoria é muito análoga e muito semelhante à daqueles mercieiros e tasqueiros somiteiros, que para não dar sarna a cães, ostentam posposamente nos seus estabelecimentos uma relés taboleta com esta sentença: *Hoje não se fio; amanhã, sim*, e que por tal porta, negam um simples pão de centavo a qualquer criatura que, cheia de fome e sem di-

neiro, assome ao seu balcão, sujo e nojento, a implorar-lh'o.

Por aqui já se pode avaliar a sinceridade das intenções desse e mais dos outros plúmíticos que escrevem a tantos reis a linha. Falam e defendem agora a intervenção de Portugal na guerra, nessa horrípante carnificina, como outrora aplaudiram o kaiser por haver protestado publicamente contra a hegemonia ingleza no Transvaal e submeter a ferro e fogo esse povo «livre»: os boers. Ah! os interesses da burguesia... os interesses da burguesia... Mas adiante...

Os epistológrafos dizem ainda que a guerra tem por fim a conquista da liberdade, seriamente ameaçada pelos bárbaros do norte. Dando de barato que assim seja, e tendo essa deusa tantos mártires á sua volta, tantos indivíduos que por ela verteram o seu preciosíssimo sangue e sacrificaram a vida dos seus entes mais queridos, porque será que eles alardeando-se seus integros defensores, fogem tam sorratamente ao socairo duma perspectiva que nem sequer é provável?

Naia, aqui anda por força caveira de burro. Todos os filósofos, todos os sociólogos, nas suas conferencias, nos seus livros e nos seus artigos, quando tratam da liberdade, dizem-nos que para bem a defender é necessario convencer-mo-nos de que ela é a condição essencial para podermos viver. Sem liberdade a vida tornar-se ha num pesadíssimo fardo, numa coisa bestialisante, inconcebível. E o que mais compreender isto será aquele que mais se revolta contra os que no-la querem negar.

Ora os epistológrafos que, no seu dizer, não passam por ignorantes, que compreendem isto, porque diabo será que querem que marchem primeiro os broncos, os estúpidos, os tapados, os cedeas, os que nunca soletraram Nietzsche, nunca apreciaram Ibsen, nunca ouviram falar de Kant, de Diderot, de Guyan, de Fougère, de Nordau, etc; os que nunca formaram um conceito, ainda que vago, da liberdade? Sim, porque motivo é que eles pretendem que se arranquem ao amanho das terras, ao lar domestico, ao convívio dos filhos, dos parentes e dos amigos aquêles que não compreendem, por falta de instrução, toda a fraseologia filosófica e científica, que afirma esses altíssimos princípios?

Olhem que, neste caso, para o combate aos bárbaros, são necessárias convicções. E os senhores epistológrafos, que são tam convictos, porque não se vão bater com o mesmo entusiasmo das suas cartas, contra as ceifeiras de 420? Será por a sua familia não poder passar ladeira. Mas se a lógica não é uma batata, a familia dos indivíduos que os senhores querem impelir para o matadouro humano, está em igualdade de circunstancias. Não é verdade?

Nestas condições que fazer? Se calhar, no afan de mandar os outros pra guerra, são capazes de nos virem agora negar este principio de verdade, empanturrados como estão, do patriotismo e interesses capitalistas e barri-gais...

Também é o que falta.

ALFREDO GUERRA,

desprovida de cauda, pretendia induzir as suas congéneres a cortarem o respectivo apêndice.

A empresa, porém, não parece das mais fáceis, ainda mesmo que á Inglaterra se juntassem os seus dois aliados. Muito provavelmente, fracassaria a imposição, como fracassou a que Napoleão fez á Prússia.

Sinceramente ou com velhacaria, o que os estadistas e militares ingleses procuram é doirar o horror naturalmente inspirado pelas carnificinas internacionais e entusiasmar pela luta um povo que não conhece a servidão militar forçada. Se a horrível conflagração puder ser apresentada como a derradeira, se lhe for dado como alvo sublime o desarmamento geral, se desaparecer sob tam luminosas apparencias a mesquinha e feroz luta de interesses capitalistas e estamentais, os combatentes surgirão numerosos e ardentes ao povo suportará com santa resignação dolorosíssima prova.

Poderá, pois, o proletariado esperar o desarmamento?

Em regime capitalista e estatal, esse desarmamento, se não é um vão devaneio pronto e acabado, toca as raízes da utopia. Demasiados são os interesses que, na actual sociedade, se prendem firmemente á guerra e á paz armada: a finança, a grossa industria metalúrgica, o comércio grande e pequeno dos fornecedores de tropas e marinhas, o militarismo profissional, etc., tudo isso pesará formidavelmente na balança. E como, em sistema capitalista — de patronato e salariato, ninguém trata de produzir utilidades, mas apenas de ganhar seja como for alguns vinténs para subsistir, o próprio proletariado se acha interessado nas indústrias de paz armada. Se ele não temesse a desocupação, temeriam os governos, pelas perturbações e revoltas que causaria. Nam, sob o ponto de vista social revolucionário, o lucro seria total, pois que os Estados em vez dos grandes exércitos de soldados á força, reforçariam, para o serviço de coacção interna, as suas guardas e gendarmarias de homens escolhidos e predispostos.

O militarismo e o imperialismo são frutos do vigente sistema de produção, é a revolução que pretende suprimi-los tem de suprimir o regime burguês.

O que não impede de registrar as promessas dos governantes e de combater, com todos os males do Capitalismo, o avanço do militarismo e do espirito militar.

A minha entrevista

A proposito duma entrevista que tive com o redactor da *Republica*, os camaradas Neno Vasco e Aurelio Quintanilha publicaram no numero passado de «A Aurora», algumas observações discorrendo dalguns dos seus pontos. Da mesma opinião sou eu também, dada a forma como a entrevista está feita, afirmando mesmo que alguns dos meus pensamentos estão completamente estropeados. A maior parte dos seus períodos estão escritos de modo que eu não expuz, nem sequer em tal pensei e nem mesmo os diria, pelo facto de não fazerem sentido ao meu criterio de anarquista declarado. Eu mesmo manifestei o meu desagrado ao ler a *Republica*; mas como nunca imaginei que semelhante coisa preocupasse a atenção, fosse de quem fosse, não me apressei a fazer o desmentido.

«A guerra,—disse eu—é uma consequência lógica da organização da sociedade burguesa, principalmente dos seus dirigentes. E' urdida na engrenagem diplomática e capitalista, assente na ignorância do povo trabalhador.

«Assim é que o povo proletario alemão, como o dos aliados, ambos vítimas das mesmas determinantes, são para mim os mesmos desgraçados e batem-se, sofrendo as chacinas de uma guerra monstruosa, que não soberam ou não poderam evitar.»

«A guerra em face do direito social, da liberdade, da razão e da inviolabilidade da vida humana é o maior monstro que se conhece.»

«Mas, a guerra é presentemente uma tremenda realidade, e como, porém se não pôde evitar, estão colocados frente a frente aliados e alemães numa luta trágica e odienta, porfiando-se uns e outros em tornarem-se vencedores.» A vitória da Alemanha e da Austria aumentaria mais ainda na Europa as três reacções predominantes, que sempre tem procurado esmagar as aspirações de liberdade humana: militarismo, jesuitismo e capitalismo.»

«Encarando a situação por este aspecto, eu sou sinceramente pela vitória dos aliados.»

«Posta a questão nestes termos, é que os revolucionarios franceses abriram um *parentesis* na sua propaganda da mais alta expressão de liberdade humana, para depois continuarem no combate ao sistema burguês, que, em tempo de paz, se vai preparando para a guerra.»

Quanto ao meu amigo que partiu na ultima expedição para a Africa, foi uma simples conversa de promenor, a que não liguei importancia, mas que o jornalista escreveu como quiz, o que de resto fez em quasi tudo que lhe disse.

Citei a opinião de Krapotkine como espirito ilustrado e humano, sem procurar saber se é ou não uma alma ingénuo e se pensa actualmente como algumas vezes com a mesma ingenuidade. Basta-me neste momento concordar com ele na vitória dos aliados.

Oh! A Social-democracia...

Aqueles mais que ilustres periodistas que, em casos de honra, já uma vez nos puzeram de lado e cuja arma de defeza e ataque, corre parrelhas com o insulto e a calúnia, porque um dia ousámos, num incontroverso direito de livre critica, censurar rudemente, mas com argumentos indestrutíveis o valor ficticio dos social-democratas tudescos, vieram a estacada tentando, embora sofismadamente, demonstrar que nós estávamos fora da lógica dos factos e algo distante da verdade.

Já uma outra vez, socorrendo-nos nas colunas da «Aurora» a nenhuma razão dos nossos contraditores. Hoje, porém, á vista da opinião insuspeita de um conhecido marxista holandez, demasiadamente conhecido na Alemanha por ser professor da escola socialista berlinense, não resistimos á tentação, de, como documentação para a historia, dar á publicidade tão precioso subsidio.

Do notavel artigo que sob o titulo «A Grande guerra europeia e o Socialismo», o professor Pannekoek publicou na *International Socialist Review*, de Chicago, extrahu A. Fabra Ribas, para o diario frances *L'Humanité*, os períodos que seguem:

«A Alemanha podia ter evitado a guerra aconselhando a Austria a que deixasse a Sérvia em paz; mas, ao contrário, achando favoravel a ocasião para a guerra, lançou-se nela, convencida de que a Inglaterra se manteria neutral, em consequencia de terem de comum acordo encontrado a solução para as difficuldades que oferecia o problema de Mesopotamia.»

«Atraz das grandes frases revolucionarias, mecanicamente repetidas frequentemente, havia apenas uma hipocrisia semi burguesa, medrosa de iniciativas novas e desconhecedora da politica moderna.

O Vorwaerts e outros diários socialistas alemães criticavam a politica do governo e do militarismo sómente com relação ás velhas fórmulas. Atacavam a estupidez das personagens officiais e esforcavam-se por tornar ridicula a sua incompetencia. Pugnavam por convencer a burguesia da sua incoerencia politica, dizendo-lhe que errava construfndo barcos de guerra e que as suas colónias nada valiam. Numy palavra, faziam-lhes ver que melhor seria ceder os seus postos a socialistas competentes. Esta tatica não era, no fundo, mais do que um ataque contra a politica do grande capitalismo moderno, mas um ataque

O que eu nunca diria, é que desta vitória sairá o esmagamento da reacção jesuitica, militarista e capitalista, por completo; porém, considero que mais se aumentava vencendo a Alemanha e a Austria. E' isto produto da minha inferioridade mental? E', digo eu. O que não é, garanto, é procurar o comodismo para me eximir ao que me possa caber na parte dos trabalhos pelas nossas ideias. Ahi estarei sempre com a mesma fé e o entusiasmo dos mais convictos.

Lisboa, 18-11-04.

Sebastião Eugenio

BREVÊDO...

Amanhã vai reunir o Congresso—o Parlamento—pra tomar conhecimento (e á cêrta o deferir) do pedido da Inglaterra pra que na europea guerra Portugal vá intervir.

Sem qualquer má intenção!—digo isto francamente!— eu achava coerente que os «nossos» pais da nação, para um bom exemplo dar deviam organizar entre si um batalhão.

E de crer que poderia ficar lá muita eloquencia... mas este acto de coerencia muito bem collocaria os gájos que são mui francos em resolver que os brancos vão sofrer méstra sangria...

Amilco

O desarmamento geral

Toma incremento, na Inglaterra, o movimento em favor do desarmamento geral, a impor-se como cláusula na conclusão da paz. A ele se associam francamente ministros e officiais do exército, incluindo alguns do quartel-general de French.

Devemos confiar na sinceridade e na praticabilidade desse esforço?

O argumento mais sólido e positivo dos [que nutrem] esperança na vitória desse movimento de opinião sancionado por um governo funda-se no supremo interesse da insular Grã Bretanha em destruir ou anular o militarismo no continente europeu.

Graças ás suas especiais condições geográficas e históricas, a

Inglaterra nunca necessitou nem conseguiu instalar em casa um poderoso exército permanente; nem parece que possa agora mudar de caminho, apesar da outra corrente de opinião que, aproveitando as circunstancias actuais, procura convencer o país das vantagens e necessidade do serviço militar obrigatório.

Demais, se possuísse esse grande exército, não o poderia manejar facilmente como arma offensiva contra uma potência continental. Sempre que o Estado britânico precisou de aniquilar a ameaça dum imperialismo continental, o poder dum concorrente perigoso, teve que se socorrer dum aliado, servindo-se dos seus soldados ou dos seus portos de desembarque.

Compreende-se, pois, o empenho posto pela Inglaterra em reclamar o desarmamento geral: é um tanto a história daquela raposa que